

“A FERIDA ABERTA ERA UM SILÊNCIO TODO MEU, DOR SEM PARCERIA”: POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS ANTIRRACISTAS NO PROJETO DE DIZER DO CONTO “METAMORFOSE”, DE GENI GUIMARÃES

ANA PAULA
OLIVEIRA DA SILVA¹

MÁRCIA CRISTINA
GRECO OHUSCHI²

“THE OPEN WOUND WAS A SILENCE SOLELY MINE, PAIN WITHOUT COMPANIONSHIP”: ANTIRACIST AXIOLOGICAL POSITIONS IN THE DISCURSIVE PROJECT OF “METAMORPHOSIS”, A SHORT STORY BY GENI GUIMARÃES

Resumo: Este artigo, fruto de um trabalho maior desenvolvido no contexto da Amazônia paraense, apresenta uma análise dos aspectos sociais e verbo-visuais do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, que contempla a temática do racismo vivenciado pela personagem no âmbito escolar. A análise, que precedeu a elaboração didática de uma proposta de intervenção implementada na educação básica, ampara-se no dialogismo, proposto pelo Círculo de Bakhtin, especialmente nos conceitos axiológicos (Volóchinov, [1926]/2017) e nos estudos de pesquisadores que seguem essa vertente. Os objetivos consistem em compreender de que forma os aspectos sociais influenciam na escrita do enunciado e verificar de que maneira os recursos linguístico-enunciativos evidenciam as apreciações valorativas da enunciatória. A análise considerou a dimensão social, em que foram observados os aspectos históricos e sociais da época em que a obra foi produzida, e a dimensão verbo-visual do enunciado, a considerar as ilustrações que o acompanham e os recursos da língua em prol da produção de sentidos do conto. Os resultados evidenciam que “Metamorfose” busca revelar que a transformação não acontece apenas como uma conscientização individual, representada na figura da protagonista, mas no sentido abrangente, de descortinar o social, de provocar uma metamorfose visando à construção de valores sociais antirracistas.

Palavras-chave: gênero discursivo conto; axiologias sociais; dialogismo.

Abstract: This article results from research developed in the Amazon region of Pará, Brazil. It presents an analysis of the social and verbal-visual dimensions of “Metamorphosis”, a short story by Geni Guimarães exploring the experience of racism faced by the protagonist within the school environment. Analysis preceded the didactic development of an intervention proposal implemented in primary education settings. Grounded in the theory of dialogism proposed by The Bakhtin Circle, particularly on the axiological concepts (Volóchinov, [1926]/2017), the study also draws on work developed by other researchers aligned with this approach. The purposes of this paper are to understand how social aspects influence the written production of the utterance, and how linguistic-enunciative resources evince the speaker’s evaluative appreciation. Analysis considered the social dimension of the utterance by situating the short story within its historical and social contexts, and its verbal-visual dimension by considering the illustrations and the linguistic resources which contribute to meaning production. Findings show that “Metamorphosis” seeks to reveal transformation not only as a result of individual awareness, as represented by the protagonist, but also as a broader process of unveiling social structures, thus producing a metamorphosis that aims at the construction of antiracist social values.

Keywords: short story genre; social axiologies; dialogism.

COMO CITAR: SILVA, Ana Paula Oliveira da; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. “A ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria”: posicionamentos axiológicos antirracistas no projeto de dizer do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães. **Boitató**, Londrina, v. 20, n. 39, p. 1–13, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53003

1 Mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Pará. E-mail: paulaoliver19@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4578-2615>

2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Docente da Universidade Federal do Pará. E-mail: marciaohuschi@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8292-9806>.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior (Silva, 2024)¹ e consiste em uma análise, em perspectiva dialógica, do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, o qual traz uma narrativa autobiográfica que apresenta cenas de rejeição sofridas pela personagem principal, que é uma menina negra envolta pelo racismo na escola. À luz da Linguística Aplicada, é importante mencionar que nos detivemos a uma análise em viés dialógico do enunciado, com foco nos aspectos axiológicos da teoria do Dialogismo, sem nos debruçarmos, especificamente, às questões mais amplas e complexas relacionadas à temática do racismo, como estudam, por exemplo, áreas como a Epistemologia Negra ou os Estudos Críticos da Raça. A análise apresentada antecedeu à elaboração didática de uma proposta de intervenção, para o trabalho com a leitura, em perspectiva dialógica, que foi implementada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública do interior da Amazônia paraense, com o intuito de desenvolver as consciências linguístico-discursiva e socioideológica dos alunos.

Assim, é importante salientar que, antes de qualquer passo para a elaboração didática de atividades, é fundamental priorizar a análise do enunciado escolhido para o trabalho em sala de aula, como uma forma de subsídio para a elaboração de atividades com a língua, a enfatizar tanto o âmbito social quanto o linguístico (Acosta Pereira, 2014). Dessa maneira, este trabalho vem com a intenção de observar previamente o enunciado como um todo, a exaurir os seus sentidos, como um caminho possível para a posterior elaboração de atividades de leitura em perspectiva dialógica, com um estudo minucioso de cada aspecto do enunciado trabalhado (Acosta Pereira, 2014).

Diante disso, nossa investigação se justifica pela necessidade de um trabalho docente em perspectiva dialógica que se debruce, primeiramente, nos ecos sociais e valorativos no interior de um enunciado, nesse caso no conto “Metamorfose” da escritora Geni Guimarães, refletidos por um projeto de dizer. Desse modo, ilustrar o processo por meio da Literatura seria o nosso possível caminho, uma vez que ela representa a vida em sua humanização, a comover, instigar, combater, denunciar, negar e possibilitar vivenciarmos os problemas de forma dialética (Candido, 2011).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivos compreender de que forma os aspectos sociais influenciam na escrita do enunciado, bem como verificar de que maneira os recursos linguístico-enunciativos evidenciam as apreciações valorativas da enunciadora. A análise segue a proposta metodológica de Acosta Pereira (2014), a partir da qual consideramos a dimensão social, em que observamos os aspectos históricos e sociais da época em que a obra foi produzida, e a dimensão verbo-visual do enunciado, em que analisamos as ilustrações que acompanham o conto e nos centramos nos recursos linguístico-enunciativos em prol da produção de sentidos do conto.

A pesquisa sustenta-se nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, em sua abordagem sociológica e valorativa da linguagem, sobretudo nos aspectos axiológicos preconizados por Volóchinov ([1929]/2017; [1926]/2019), Bakhtin ([1979]/2016) e nos estudos de pesquisadores responsivos a essa vertente, como Acosta Pereira (2014), Menegassi e Cavalcanti (2020), Beloti *et al.* (2020), Ohuschi e Menegassi (2023).

¹ Dissertação de Mestrado desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras – Profletras/UFGA, sob o título “Leitura em perspectiva dialógica: a produção de sentidos e as apreciações valorativas a partir do trabalho com o gênero discursivo conto”, defendida em 15/03/2024.

O trabalho vincula-se ao Grupo de Pesquisa “Dialogismo e ensino de línguas” (UFPA/CNPq) e aos Projetos de Pesquisa “O dialogismo e as práticas de linguagem no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa” (UFPA) e “Dialogismo e práticas de linguagem no ensino de línguas” (CNPq/Universal) e está organizado em seções que trazem discussões sobre a língua(gem) em sua concepção dialógica e análise do enunciado concreto, em suas dimensões social e verbo-visual.

A língua(gem) sob o viés dialógico

A linguagem é um fenômeno que carrega em si historicidade, ideologia, valores e perpassa o indivíduo nos mais variados espaços e contextos. A partir dela, o sujeito se constrói como um ser social, pertencente a um determinado grupo. Toda essa construção se solidifica por meio de relações dialógicas, ou seja, vínculos com outrem, com dizeres, com vivências. Isso significa dizer que o enunciado, em sua plenitude, é formado pelos elementos extralinguísticos (dialógicos) e se liga a outros enunciados (Bakhtin, [1979]/2011). Portanto, se há palavra, há linguagem e, consequentemente, relações dialógicas.

Nesse sentido, pensar sobre a língua(gem) é, antes de tudo, compreender que ela é construída socialmente em uma realidade imediata, a realidade do pensamento e das vivências do sujeito (Bakhtin, [1979]/2011). Ela se faz, pois, por meio dos gêneros discursivos, da matéria concreta que reflete pensamentos e motiva ações. Por isso, conforme as palavras de Volóchinov ([1926]/2019), o enunciado sempre será o ponto de partida em qualquer estudo científico, o qual é constituído por duas partes: uma percebida, em que há fatores verbais, marcas linguísticas e até visuais; e outra presumida, marcada pelo extraverbal, constituída nas interações sociais, históricas, discursivas e culturais em que os indivíduos se inserem e convivem (Menegassi; Cavalcanti, 2020).

Isso nos leva a entender que o extraverbal suscita uma avaliação social dos sujeitos que participam da enunciação, uma avaliação a partir de seu contexto de vida e de seu grupo social. Um mesmo signo ideológico como, por exemplo, a palavra “mentira”, utilizada no conto “Metamorfose” para demarcar todo o contexto de ilusão da personagem principal, no que se refere aos negros, possui a parte verbal em si e uma parte presumível. Obviamente, é passível a uma leitura, mas poderá apresentar um significado diferente de acordo com o lugar e a situação vivenciada, a realçar um sentido de afirmação falsa ou uma ênfase de surpresa, ou simplesmente ficar restrita a uma forma gramatical da língua, no interior de uma frase. A interpretação do que é lido ou pronunciado está condicionada ao que o Círculo de Bakhtin designa contexto extraverbal, que, juntamente com o juízo de valor e a entonação, compõe o que se denomina conceitos axiológicos (Volóchinov, [1926]/2019).

Assim, o extraverbal corresponde ao que não está explícito no enunciado, mas que pode ser apreendido do contexto social. Ele está envolto de três aspectos: “1) o horizonte espacial comum dos falantes [...]; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; e finalmente 3) a avaliação comum dessa situação” (Volóchinov, [1926]/2019, p. 118-119). O juízo de valor corresponde à avaliação que o indivíduo faz por já conhecer e compreender determinada situação enunciativa, refletindo seu posicionamento ideológico (Menegassi; Cavalcanti, 2020). A entonação está relacionada à forma como os enunciados são avaliados, é a concretização do juízo de valor, em como um indivíduo pronuncia algo, a depender do contexto. De acordo com Volóchinov ([1926]/2019), a entonação se manifesta, nesse sentido,

como um elo entre a palavra e o que está fora dela, “na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida” (Volóchinov ([1926]/2019, p. 123) e, portanto, assume caráter social.

Diante disso, ao estudarmos o conto “Metamorfose” e considerá-lo como ponto de partida para o trabalho com a Língua Portuguesa, realizamos uma análise considerando tais aspectos elencados por Volóchinov ([1926]/2019), a enfocar tanto o contexto verbal quanto o extraverbal, uma vez que “a palavra na vida não é autossuficiente” (Volóchinov, [1926]/2019, p. 117), mas surge de uma situação imediata cotidiana extraverbal. Em outras palavras, nossa análise parte de um meio que é visto, percebido, refletido pelas palavras ali envolvidas, como os recursos linguísticos dispostos, e, também, parte de um meio que não é visto, mas que se encontra nas entrelinhas, isto é, o contexto social, os valores construídos em uma dada época e local.

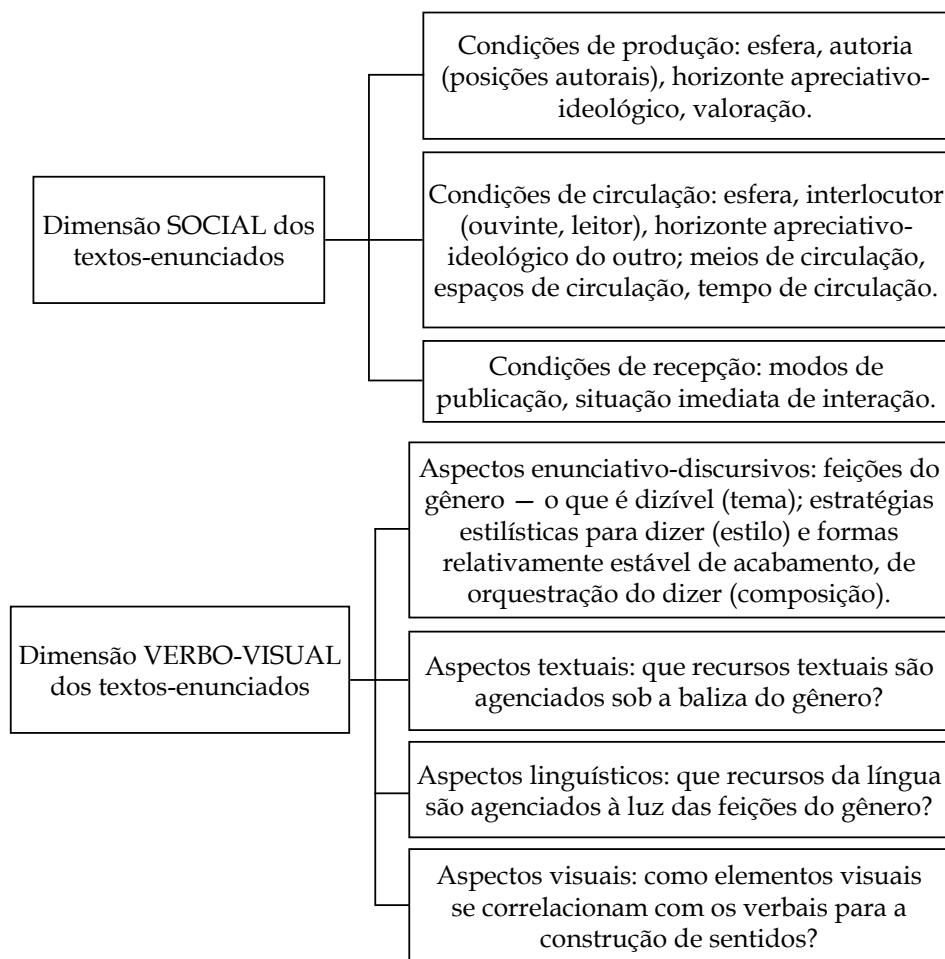
Dessa forma, resgatamos o enunciado não apenas pelo que está explícito, mas consideramos as nuances valorativas que o permeiam. A esse respeito, é importante mencionar esse material concreto como uma unidade irrepetível, com manifestações próprias, únicas e, por essa razão, com características axiológicas, uma vez que cada nova leitura ou manifestação revelará posicionamentos valorativos diferentes por meio dos sujeitos (Menegassi; Cavalcanti, 2020). O conto “Metamorfose”, por exemplo, é arraigado de valores de uma determinada época, em que foi planejado e produzido, época essa em que pouco se discutia a respeito de discriminação étnica e racial, tampouco se falava em desconstruir preconceitos. Esse pensamento de desconstrução de padrões e de debate sobre racismo era incidente em obras literárias, uma vez que esse âmbito sempre proporcionou “morada” a tais discussões.

Nesse sentido, a educação desempenha um papel fulcral de motivar discussões acerca de temáticas importantes, a propor práticas educativas que valorizem a diversidade e que desenvolvam a consciência socioideológica dos sujeitos-aprendizes. A partir do momento em que eles se apropriam desse conteúdo, manifestam valores próprios socialmente construídos, juntamente com as vozes arraigadas nesses enunciados trabalhados em sala de aula, a projetar um posicionamento axiológico, carregado de valores sociais, a desconstruir todo pensamento racista projetado pela sociedade.

Portanto, estudar o enunciado em sua totalidade significa lançar um olhar e uma percepção sobre aquilo que é lido, ter um conhecimento sobre isso para, enfim, emitir uma avaliação. Isso é o que Volóchinov ([1926]/2019) denomina como contexto extraverbal, e essa situação extraverbal não é um simples fator externo ao enunciado, ou seja, não age sobre ele de fora para dentro, mas “integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica” (Volóchinov, [1926]/2019, p. 120), pois já faz parte como um todo.

Análise dialógica do conto “Metamorfose”

Na concepção dialógica, a linguagem é criada e recriada por meio da interação verbal, que molda as situações comunicativas; essa é a sua realidade efetiva, conforme Volóchinov ([1929]/2017). Dessa forma, o filósofo considera, em primeiro lugar, as condições sociais concretas nas quais um enunciado está atrelado para depois avaliá-lo em sua composição e forma linguística, a priorizar o contexto extraverbal, quando delineia uma metodologia sociológica para o estudo da língua. Nesse sentido, para a realização da análise, seguimos o percurso metodológico proposto por Acosta Pereira (2014), em ampliação à proposta de Rodrigues (2001), sistematizado na Figura 1.

Figura 1 - Sistematização das dimensões analíticas

Fonte: Acosta Pereira (2014, p. 10).

Nessa organização, há um caminho para a análise do enunciado no que se refere às condições de produção, de circulação e de recepção e em relação aos aspectos enunciativo-discursivos, textuais, linguísticos e visuais que envolvem o gênero. Enquanto de um lado há a mobilização de recursos que estão fora do enunciado, como uma força externa que impulsiona o ato de dizer, de outro há os recursos verbais e visuais que são arrolados em função de um tema, de estratégias de dizer e de recursos da língua, os quais, juntos, reforçam um posicionamento (Beloti *et al.*, 2020). No conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, realizamos uma análise partindo dessa dimensão extraverbal para, então, adentrarmos no material verbal e visual. O gênero conto geralmente não apresenta linguagem não verbal, porém, no conto escolhido para esta pesquisa, há ilustrações que permitem um diálogo mais amplo.

Análise da dimensão social

O conto “Metamorfose” (Guimarães, 2021)² se desenvolve no contexto de sala de aula e centra-se na mudança de comportamento da personagem principal, uma menina negra.

² O conto “Metamorfose” encontra-se disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/268-geni-guimaraes-textos-selecionados>. Por limitação de espaço, não foi possível anexá-lo, na íntegra, no artigo.

Essa mudança acontece após a descoberta sobre como os negros eram tratados na época da escravidão no Brasil. Percebemos, ao longo do conto, sua mudança de postura, pois, no início da narrativa, mostra-se entusiasmada em participar de um evento em comemoração à Abolição da Escravatura, mas, após tomar consciência dos maus tratos a que os negros eram submetidos, transforma-se, demonstrando revolta e tristeza.

Iniciamos a análise da dimensão social do conto apresentando a autora e seu papel social. Trata-se de Geni Mariano Guimarães, que muito contribuiu para a Literatura Brasileira ao propor uma arte que fizesse um alerta aos problemas sociais, às injustiças, aos preconceitos, ao racismo. Uma escritora mulher, negra, de origem humilde, cujos poemas e contos carregam sua trajetória de vida, assim como denúncias, o que influencia em seu papel social, o qual consiste em divulgar textos com temáticas importantes em nossa sociedade, permeadas por tons de protesto e de afirmação identitária.

No que se refere ao objetivo do conto, a autora busca emocionar o leitor com cenas de rejeição sofridas pela protagonista, que é uma menina negra envolta pelo racismo na escola. Todo o cenário apresentado instiga o leitor a visualizar o preconceito, de certa forma de uma maneira amenizada, porém constante. A finalidade seria levar o leitor a pensar sobre o racismo de forma consciente, não romantizada, uma vez que ele é real e latente, e que os próprios negros muitas vezes o escondem como forma de inclusão e de aceitação perante a sociedade.

As intenções discursivas, por sua vez, centram-se em revelar a situação de muitas crianças negras que são negligenciadas no ambiente escolar e em criticar a postura de alguns personagens que espelham comportamentos antigos e atuais da sociedade, os quais depreciam, desmerecem, desestabilizam o outro pela cor de sua pele, como, por exemplo, o que é apresentado na figura da professora, que rejeita a ideia de a aluna negra recitar seu poema no evento em comemoração à Abolição da Escravatura.

O conto apresenta uma linguagem acessível, com um enredo bem próximo ao cotidiano de muitos brasileiros e, por essa razão, pode ser voltado ao público em geral ou a leitores que queiram compreender questões relacionadas ao racismo. Ele foi publicado no livro “Leite do Peito”, mas pode ser encontrado facilmente na internet, para facilitar o acesso e aumentar o alcance do leitor. Todo esse contexto que circunda o conto o completa e, como propala o Círculo de Bakhtin, situa-o na realidade como um feito histórico.

No que tange aos aspectos sócio-históricos engendrados no enunciado, ressaltamos três momentos que se cruzam e convergem a uma interpretação única. Por essa ótica, o conto “Metamorfose” foi publicado pela primeira vez em 1988, no livro “Leite do Peito”, ano que marca o Centenário da Abolição da Escravatura e a Promulgação da Constituição Brasileira. A história contada nesse conto não se passa em 1988, mas por volta da década de 1950, uma vez que é um texto autobiográfico, e a autora relata acontecimentos de sua infância. Por outro lado, há um resgate histórico, visto que Geni Guimarães se utiliza de um acontecimento do século XIX, a libertação dos escravos, para enfatizar o tema que se propôs desenvolver.

Portanto, há esses três contextos históricos que enriquecem a narrativa e induzem o sujeito-leitor a fazer relações dialógicas e a produzir sentidos ao enunciado, a mobilizar conhecimentos da realidade de vida atual e acontecimentos já passados, mas que influenciam ainda hoje em certos comportamentos. De acordo com Ohuschi e Menegassi (2023), os aspectos históricos apresentados em uma narrativa consideram momentos históricos que perpassam a história resgatada no texto e, também, momentos históricos da época em que o texto foi produzido. Podemos confirmar tal apontamento em razão de a autora construir

sua obra mencionando a história do Brasil em si, como observamos na passagem: “Hoje, comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e, pelos serviços prestados, nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte” (Guimarães, 2001, p. 62).

Esse é um exemplo de uma história resgatada no enunciado, e as reações-respostas negativas da personagem principal se apresentam em virtude desse resgate. As responsabilidades desencadeadas no conto, como os comportamentos de raiva e de revolta e os julgamentos depreciativos, partem desse movimento emaranhado na história. A explicação da professora sobre como os negros eram tratados no século XIX foi o que provocou uma mudança na protagonista, pois a menina tinha uma percepção mais ilusória sobre como pessoas negras eram vistas, mentalidade essa passada por sua avó de coração.

Diante desse contexto, é relevante salientar o quão omissos eram o debate sobre o racismo em todas as estruturas sociais no século XX, a ponto de deturpar pensamentos e modificar atitudes, o que é refletido no conto. O sentimento de ser oprimido sempre existiu, entretanto o que sempre faltou foi a voz para se discutir. Conforme Gomes (2021, p. 436), “o processo de descolonização das mentes e das práticas como ação de combate ao racismo nas sociedades é tenso e conflituoso” e, pensando nisso, talvez a educação seja o espaço em que esse embate e essa tensão são mais perceptíveis, uma vez que só em 2003 a Lei 10.639/2003 foi criada, com o intuito de tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos locais de Ensino Fundamental e Médio, a fim de promover o conhecimento acerca da contribuição do povo negro para a formação da sociedade brasileira.

Desse modo, percebemos a relevância de uma análise que atravesse o aspecto linguístico, que possa oportunizar a compreensão de atitudes e razões para cada desfecho em uma narrativa, a concordar com o pensamento do Círculo de que a palavra é constituída socialmente. No contexto do conto, a história e as palavras são carregadas de sentido ideológico e, portanto, não podem ser compreendidas fora da ligação com a situação concreta (Volóchinov, [1929]/2017).

Em relação aos aspectos ideológicos, consideramos “as ideologias marcadas a partir das relações sociais e históricas estabelecidas” e as valorações próprias da situação de comunicação (Ohuschi; Menegassi, 2023, p. 429). Isto é, a ideologia presente no enunciado se manifesta a partir da história que é contada e resgatada, além do juízo de valor apresentado. No caso do conto, esse teor ideológico se manifesta a partir das reações da protagonista diante das posturas de personagens secundárias, as quais refletem um certo comportamento disseminado na sociedade e, por meio disso, há o julgamento de valor imposto pela narradora e, também, pelos leitores, visto que ao tomarem esse enunciado vivo, impulsionarão resposta ativa diante dele.

Em “Metamorfose”, há dois momentos que marcam uma mudança de postura da personagem principal: o antes de descobrir a história da escravatura no Brasil e o após ter tido esse conhecimento. Em virtude disso, a valoração perpassada no enunciado se concretizou em atitudes antes apreciativas e, posteriormente, depreciativas. Assim, em algumas passagens, percebemos aspectos ideológicos que ressaltam uma visão muito enraizada de que pessoas brancas sabem como é estar no lugar de um negro, porém a realidade é bem diferente, como demonstra o trecho: “Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?” (Guimarães, 2001, p. 63).

Esse excerto antecede o momento em que as colegas de classe oferecem o lanche para a personagem negra. Logo em seguida, ela demonstra insatisfação e se descontrola, ao afirmar que a dor que sente é sem parceria, pois não havia outra pessoa igual a ela na sala de aula que pudesse se colocar em seu lugar e sentir o que ela estava sentindo. Essa “dor sem parceria” reflete as relações sociais e históricas presenciadas até hoje. Quem sente a dor do negro a não ser ele mesmo? A autora expressa o que ela mesma já vivenciou. Portanto, é uma voz, antes de tudo, individual e fortalecida pela experiência, pois “todo texto verdadeiramente criador é sempre, em certa medida, uma revelação do indivíduo livre” (Bakhtin, [1979]/2011, p. 311).

O sentimento de rejeição, a falta de conhecimento e de empatia, na história contada, reafirmam a ideologia de que tentar amenizar e comparar a trajetória de uma pessoa negra a uma branca nunca será suficiente para tentar reparar toda uma história de escravidão e de preconceito. Esse pensamento é tão latente que em outra passagem do enunciado observamos a ação final da personagem, após todo o momento de tristeza e de raiva:

“[...] trituravam tijolos e com o pó faziam a limpeza dos utensílios. A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. [...] Eu juntei o pó restante e, com ele, esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele” (Guimarães, 2001, p. 65-66).

Ao partirmos desse trecho, percebemos que a cor de sua pele chegou a incomodá-la, a ponto de ela tentar arrancar toda a dor junto com o negro que a revestia. Essa vontade de remover a cor cultua a ideologia da branquitude, de o negro querer ser o branco para evitar o sofrimento, como uma busca de posição de privilégio. Visto sob esse ângulo, a sociedade sente um incômodo, a ponto de negligenciar e de segregar, o que potencializa o preconceito; o negro, por outro lado, precisa sempre reafirmar a igualdade racial. No conto, a personagem tenta retirar sua pele, o que desencadeia discussões sobre o limite entre se aceitar e o de não sofrer.

Analisar a dimensão social é importante porque serve de base para se pensar em uma atividade didática que implicará em uma compreensão da situação comunicativa e para uma interpretação consistente que leve em consideração as relações dialógicas, por parte dos educandos. Pelo fato de que todas as situações de comunicação são atravessadas por tonalidades dialógicas e pela avaliação social (Menegassi; Cavalcanti, 2020), é pertinente iniciar um trabalho com a língua(gem) que provoque, motive e sensibilize o sujeito. Logo, em uma leitura e uma análise dialógicas, é fundamental considerar a situação discursiva imediata, a qual dá suporte para a mobilização de sentidos do enunciado.

Análise da dimensão verbo-visual

A análise da dimensão verbo-visual é iniciada pela ilustração que acompanha o título do conto. É importante salientar que o livro inteiro apresenta imagens ilustradas para cada conto, as quais conversam com os seus respectivos enredos. Nesse caso, antes de o leitor virar a página para iniciar a leitura, há uma imagem que apresenta duas flores, uma aberta e a outra fechada, envolvidas por pontos que formam galhos e folhas.

Figura 2 - Ilustração do conto “Metamorfose”

Fonte: Guimarães (2001).

A partir da leitura e da interpretação que realizamos do enunciado, compreendemos que a flor aberta pode representar o conhecimento, a descoberta, o amadurecimento da personagem principal no decorrer da narrativa. Já a flor fechada pode representar a sua visão limitada e romantizada sobre a história dos negros. A presença das duas flores simboliza a metamorfose sofrida pela menina diante das descobertas. Dessa forma, compreendemos como uma mudança negativa, visto que causou sentimentos de tristeza, raiva e desprezo na narradora. As imagens ilustrativas no conto, que reforçam a ideia da mudança da personagem principal, estão diretamente associadas ao contexto extraverbal que entrelaça muitos fios de sentido e que permite avaliações (Volóchinov, [1926]/2019).

No que tange ao título do conto, “Metamorfose”, a reflexão parte também do título do livro “Leite do peito”. Ao analisarmos sob esse viés, o principal alimento da criança nos primeiros meses de vida é o leite, e é o que a fortalece e possibilita um crescimento saudável. A *metamorfose*, atrelada ao título do conto, passaria a ser as transformações necessárias no decorrer da vida. O que ligaria ambos os títulos seria o crescimento. Assim, para a construção de sentido do título do conto e da obra, o aspecto extraverbal foi importante, uma vez que o enunciado vai além do verbal, ele “se comunica” com uma situação comum imediata na interação discursiva (Menegassi; Cavalcanti, 2020).

Na situação inicial do conto, observamos uma menina alegre, empolgada com a possibilidade de participar de um evento da escola, onde poderia recitar um poema feito por ela e dedicado à Princesa Isabel. O valor que a personagem atribui à figura da Princesa, naquele momento, é de gratidão, como visualizamos nesta passagem:

Meu coração lá foi de novo pulsar na garganta. Era a hora e a vez de expor meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse? — Assim não dá — gritou a professora. — Levantem a mão. Levantei a minha, que **timidamente luzia negritude** em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas. — Você... Você... Você... Não fui escolhida [...] (Guimarães, 2001, p. 58-59, grifo nosso).

Quando partimos para a dimensão verbal de um enunciado, debruçamo-nos na análise dos elementos linguístico-enunciativos, que se articulam em função de um projeto

de dizer. Em nosso trabalho, destacamos a utilização dos verbos e dos advérbios de modo, os quais, desde o início da narrativa, chamam atenção e proporcionam reflexões sobre o tema e os comportamentos das personagens. No exemplo mencionado, o uso do advérbio “timidamente” nos leva a pensar em situações que podem ter influenciado a menina a agir de forma tímida, como, por exemplo, o fato de não se sentir à vontade na escola ou por não ter direito de se expressar.

Em outros momentos, como a parte em que a professora, depois de certa insistência da aluna, decide dar uma oportunidade à menina para recitar o seu poema, é utilizado o advérbio “chochamente”: “Está bem. Amanhã você traz a poesia e a gente ensaia. Acariciou meu rosto e riu **chochamente**” (Guimarães, 2001, p. 59, grifo nosso). O emprego desse signo ideológico sinaliza a reação que a professora faz perante a aluna em sala de aula. Ao focarmos nesse contexto de uso, a carga semântica dessa palavra explicita o pouco valor e a falta de interesse da docente ao se tratar dessa criança. Logo, a entonação valorativa, pelo uso do advérbio de modo, ocasiona uma avaliação social de repulsa, de indiferença, e o sujeito que lê o enunciado atribui a ele o tom, respondendo ativamente em concordância com aquilo que interpreta.

Em seguida, há o trecho em que verificamos a empolgação da personagem por ter tido a chance de recitar o seu poema. Esse estado de ânimo é ressaltado pelo uso dos advérbios “rapidamente” e “afoitadamente”, como está explícito em: “Comi **rapidamente** no almoço. Engoli quase inteiros os alimentos. Engasguei com as espinhas de mandiúva. Pus-me a escrever **afoitadamente**. Aumentei. Criei quatro novos versos” (Guimarães, 2001, p. 61, grifo nosso). O entusiasmo da narradora personagem é perceptível não só por todas as ações apresentadas, mas pela maneira como a autora enunciadora expõe, de modo a provocar quem lê e a fazer relações dialógicas.

A partir do que foi exposto, podemos afirmar que a utilização de recursos linguístico-enunciativos marcou acentos de valor no conto. O aspecto do extraverbal e da entonação, embutidos nesses recursos, leva-nos a compreender o contexto histórico da época em que o enunciado foi produzido, bem como as tonalidades avaliativas de desprezo e de entusiasmo, apontadas nos advérbios de modo. Toda a expressividade marcada nesses recursos reforça a ideia de que, por meio da entonação, “a palavra entra em contato direto com a vida [...], ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante” (Volóchinov, [1926]/2019, p. 123).

Na situação inicial do enunciado, vemos o apreço da personagem principal à atitude da Princesa Isabel. Como forma de gratidão à Princesa, a menina escreve um poema para apresentar à turma. Na descrição das cenas em que ocorre esse fato, percebemos a escolha valorada dos advérbios de modo “**timidamente**”, “**chochamente**”, “**rapidamente**”, “**afoitadamente**” e “**pausadamente**”, que auxiliam na produção de sentidos do enunciado, a demarcar acentos de valor pela voz da autora do conto. Essa passagem é importante para o leitor, pois o leva a observar que as atitudes valorativas são refletidas por meio da utilização dessas palavras, as quais agregam um sentido de recuo, rejeição, empolgação, cuidado e revelam um projeto de dizer intencionado.

No desenvolvimento e clímax da narrativa, observamos, ainda, o entusiasmo da personagem, ao demonstrar cuidado em ler o poema: “Dentro de meia hora, havia decorado tudo. Daí comecei a declamar **pausadamente**. Às vezes, começava do fim e voltava para o começo. Tudo certinho: nem um pulo nas frases, nem um gaguejar, nada” (Guimarães,

20101, p. 61-62, grifo nosso). A entonação avaliativa no uso do advérbio marca um valor de cuidado e de apreço que a menina demonstra ter ao fazer a declamação do poema.

Em contrapartida, após o clímax, o tom avaliativo se modifica e percebemos o desânimo e a revolta da personagem:

Era a vergonha que me abatia. Pensava que era a grande da classe, só por ser a única a fazer versos. Quantas vezes deviam ter rido de mim, depois das minhas tontices em inventar cantigas de roda... Vinha **mesmo** era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães (Guimarães, 2001, p. 63-64, grifo nosso).

O emprego da palavra “mesmo” expõe um juízo de valor negativo acerca dos negros, bem como a desconstrução de uma visão utópica. Na situação final da história, há uma mudança de postura da personagem: o que antes víamos como alegria, empolgação, raiva e revolta, agora percebemos desolação, profundo pesar e mágoa, refletidos no seguinte excerto: “Estranhei o fato do meu coração estar quieto, sem saltar para a garganta. Apalpei o pescoço de todas as maneiras. Já ia verificar se estava no peito, mas desisti. Será que ele morreu? Pro inferno. Se quiser morrer, que morra”, pensei [...]” (Guimarães, 2001, p. 64-65). Nesse viés, a situação extraverbal permite que avaliações sociais sejam suscitadas no conto, a nos direcionar a julgamentos de valor e a entonações, a partir do comportamento de personagens, já que o significado do enunciado é completado diretamente pela própria vida, no subentendido, não apenas na linha gramatical (Volóchinov, [1926]/2019).

No final da narrativa, a personagem principal demonstra, além de insatisfação, tristeza por toda a descoberta na escola. Há o momento de conscientização pessoal e cultural quando ela percebe como a sociedade é e o que lhe exige. Logo, seu comportamento é o reflexo de uma situação que lhe foi imposta e que julgava ser a normalidade. A história dos negros contada pela avó de coração a deixava empolgada e a fazia se sentir viva, o que é apagado no final do conto, no momento em que verificamos a sua busca incessante pelo apagamento da cor negra de sua pele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o conto “Metamorfose”, percebemos como a palavra, que é um esqueleto, pode ganhar forma viva a partir das relações históricas e sociais, a partir da percepção criativa de seu criador, o ser enunciativo (Volóchinov, [1926]/2019). Dessa forma, produzimos diálogos com o que foi enunciado, a construir pontes para se pensar em caminhos possíveis para o debate de temas importantes em nossa sociedade, como o racismo.

Assim, no que tange aos objetivos propostos, conseguimos compreender de que forma os aspectos sociais influenciam na escrita do enunciado analisado, uma vez que o conto nos revela que a transformação não deve acontecer apenas como uma conscientização individual, representada na figura da protagonista, mas no sentido abrangente, de descortinar o social, de provocar uma metamorfose no olhar de quem lê e no sistema. Além disso, o título “Metamorfose” nos remete a uma mudança de pensamento em relação aos desafios que envolvem a conscientização da diversidade étnico-racial, como uma forma de combater o racismo no meio social e dentro da escola, que é onde podemos agir diretamente. E, ainda, verificamos de que maneira os recursos linguístico-enunciativos evidenciam as apreciações valorativas da enunciadora do conto,

pois, ao utilizar determinadas palavras, como verbos e advérbios, ela demarcou o seu projeto enunciativo, intencionando o seu discurso de maneira valorada.

Por esse ponto de vista, percebemos a importância da análise do enunciado ser anterior a todo o movimento de construção de uma atividade de leitura e de análise linguística (Acosta Pereira, 2014), visto que partir, *a priori*, de uma reflexão acerca de todo o caminho da temática, organização textual e linguística é um passo importante para, posteriormente, conscientizar os educandos por meio da língua. Essa conscientização permitirá a compreensão de valores sociais e, conseqüentemente, construirá sujeitos ativos, que emitem juízo de valor sobre o mundo, a desenvolver um pensamento crítico sobre aquilo que os rodeiam.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A análise de textos-enunciados como prática precedente à elaboração didática. **Revista Intersecções**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 4-23, nov. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Primeira edição publicada em [1979].

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. Primeira edição publicada em [1979].

BELOTI, Adriana; HILA, Cláudia Valéria Doná; RITTER, Lilian Cristina Buzato; FERRAGINI, Nelvana. Leuz de Oliveira. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo-discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. In: FRANCO, Neil; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem**: reflexões teórico-metodológicas. Campinas: Pontes, 2020. p. 109-135.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-450, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.DS06>

GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito**: contos. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Rosilene da Silva de Moraes. Conceitos axiológicos do dialogismo em propaganda impressa. In: FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. (org.) **Interação e escrita no ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 99-118.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. Prática de análise linguística no trabalho com o pronome no ensino de língua materna. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 62, n. 3, p. 425-441, set./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8671900>. Acesso em: 20 jul 2024.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Ana Paula Oliveira da. **Leitura em perspectiva dialógica**: a produção de sentidos e as apreciações valorativas a partir do trabalho com o gênero discursivo conto. 210 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146. Primeira edição publicada em [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. Primeira edição publicada em [1929].

RECEBIDO EM: 08/05/2025 | ACEITO EM: 14/08/2025